

## O mundo sem homens

Poderão os homens deixar de existir? A espécie humana sobreviverá sem os homens? Não é de hoje que a ciência faz pesquisas sobre a reprodução e tenta fecundar óvulos sem espermatozoides ou criar as células masculinas a partir de outras femininas. Já na década de 80, um grupo de cientistas britânicos da Universidade de Newcastle mostrou como é possível fabricar um espermatozoide a partir de uma célula-tronco adulta feminina, por exemplo, a partir da medula. Assim, via inseminação artificial, qualquer casal de lésbicas pode procriar, excluindo o cromossoma Y.

Para tudo isso fazer sentido, a fertilização *in vitro* precisaria ser uma realidade acessível. Isso já começou a acontecer em alguns lugares. Na Inglaterra, uma em cada cem crianças já nasce de inseminação artificial, e a procura de casais de lésbicas por esse método cresce mais rapidamente do que entre os heterossexuais.

Imagine-se se de repente as mulheres pudessem engravidar sem a necessidade de parceiros masculinos e apenas crescessem crianças do sexo feminino. Imagine-se que metade das lésbicas optariam por esse método para ter filhos; ou melhor, filhas. Os homens têm um par de cromossomas XY e as mulheres XX; a união de dois gâmetas femininos só pode resultar no nascimento de uma fêmea. Em algumas centenas de anos, haveria bem mais mulheres que homens e, a longo prazo, os homens desapareceriam. Em apenas 350 anos, já haveria um desequilíbrio significativo, com dois terços das pessoas no mundo a serem mulheres.

Todo este cenário pode parecer, por agora, muito estranho, mas já imaginou se isso se tornar comum e o mundo passar a não precisar dos homens? Como seria um mundo em que só existissem mulheres? Será que o mundo teria mais ordem ou apenas mais caos?

Com o aumento da população feminina, o relacionamento entre mulheres criaria regras sociais mais tranquilas? O certo é que cresceria o número de lésbicas, especula Débora Diniz (2009), antropóloga e professora de bioética. Explica a cientista australiana que a superioridade numérica das mulheres significaria, isso sim, uma humanidade mais sadia, pelo menos no que diz respeito a doenças hereditárias cuja manifestação está relacionada com o cromossoma Y. Haveria uma

redução de doenças graves num primeiro momento, como daltonismo, distrofia muscular ou hemofilia tipo A, dado que as mulheres podem ser portadoras, mas não têm essas doenças!<sup>1</sup>

Considerando este cenário imaginariamente longínquo, a princípio, quando os homens começassem a desaparecer, as mulheres iriam ter que aprender a adaptar-se a algumas das atividades mais comuns aos homens. Mas num mundo em que só nascessem mulheres, certamente os governos teriam de oferecer o necessário para que elas passassem a exercer as atividades, até aí masculinas, com mais facilidade e melhores condições.

Certamente as mulheres passariam a reconhecer mais o seu valor e organizar-se-iam em movimentos independentes dos homens, que talvez até tivessem de viver em marginalidade. Porém, como é expetável que nem todas as mulheres odiariam o sexo oposto, algumas organizações femininas tentariam proteger os machos, cada vez mais escassos.

Esta hipotética situação foi imaginada, pelo cineasta canadiano Mark Sawers, no *mockumentary No Men Beyond This Point*, estreado em 2015, onde relata um mundo em que os homens começam a entrar em extinção, e faz a pergunta: «Como seria o mundo se as mulheres estivessem no comando?» A sinopse desse filme de ficção, ambientado a um tempo alternativo na década de 1950, relata que, nove meses após um objeto próximo da Terra atingir o planeta em 1952, as mulheres ganham a possibilidade de se reproduzir, sem homens, por partenogénese. Neste quimérico cenário o sexo é proibido e o género masculino torna-se como que uma espécie em extinção.

Nesse mundo, as mulheres são assexuadas e não têm descendentes masculinos. Os homens já não nascem e desapareceram de todas as posições importantes. Os poucos homens restantes são mantidos numa reserva e não fazem mais parte da sociedade, com a exceção de alguns homens que têm permissão para fazer trabalhos menores. O único homem é Andrew Myers, com 37 anos, que trabalha como mordomo de uma família composta apenas de mulheres. O filme segue o modesto homem ainda vivo, agora com cerca de 60 anos, que se encontra no centro de uma batalha para impedir a extinção dos machos.

---

(1) Burgos, 2008.

Deixando o campo da ficção e retomando o cenário pelo lado científico, parece que as possibilidades de um mundo sem homens não são reais num futuro próximo. Porém, a sua imaginação apenas pode parecer bem assustadora para quem é do sexo masculino. Sabe-se que a reprodução sem necessidade de homens só é verificada em algumas espécies de plantas e poucos animais. As pesquisas, no entanto, já conseguiram fertilizar ratos com material genético apenas de fêmeas.

No fundo, se tal se concretizasse, constituiria o regresso ao passado biológico dos organismos vivos. No início não havia sexo. No passado remoto, existiam somente cromossomas homólogos – XX – onde a recombinação genética e os genes estavam em pé de igualdade. Era um processo de reprodução assexuada, tendo como único progenitor o género feminino, reproduzindo exclusivamente uma cópia de si próprio, isto é, um clone.

O processo da reprodução sexuada só surgiu quando despontou o cromossoma Y. A partir de então, macho e fêmea, juntos, geram um terceiro ser parecido com eles, mas, ao mesmo tempo, ligeiramente diferente. Esta foi uma das maiores forças condutoras do processo evolutivo nas espécies.

Com toda a propriedade Paulo Navarro-Costa, investigador no Instituto Gulbenkian de Ciência considera, caricaturando, que «o Y trouxe o espírito do *rock & roll* ao nosso genoma» (*in Sex, rebellion and decadence: The scandalous evolutionary history of the human Y chromosome*).

Enquanto o regresso ao passado não passa do reino do imaginário, não resta dúvida de que as mulheres se apoderaram de novos papéis de protagonismo na sociedade e os assumiram, e este ganho de protagonismo feminino deixou os homens perdidos, sem referências nem orientação. Os pais, homens, têm hoje dificuldade em lidar com essa questão com os seus filhos porque nunca tiveram de fazê-lo antes e porque nunca tinham sido questionados socialmente quanto aos seus papéis e posicionamento na sociedade.

Numa revolução silenciosa, as mulheres tomaram o poder e, sobretudo, tomaram-lhe o gosto. É uma coisa nova para elas e algo que gostam de exhibir. Por isso, os homens não saem ilesos desse processo de emancipação. O homem estava habituado a ter o controle da situa-

ção. Ao homem cabia o dever de ser um porto seguro imperturbável, o braço forte, infalível. À mulher cabia o dever de ser doce, quieta, frágil e submissa. A mulher estava limitada a ser beleza e «produto». O homem estava limitado ao olhar e ao desejo. Com a mulher fora do lar, as relações interpessoais do casal ficaram sujeitas a outras formas de interferência.

Fala-se, e muito, do verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade, talvez como resultado de nova inserção na cultura à qual pertence. Observa-se a dificuldade que sente em moldar-se, sustentando ou criticando, aderindo ou rejeitando, integrando-se ou afastando-se, obedecendo ou resistindo às regras impostas pelas novas circunstâncias, que obviamente não condizem com aquilo que ele almeja para si enquanto traços identitários.

A pressão social nesse sentido é intensa e apoiada pelos *media*, ao ponto de as mensagens publicitárias desafiar os estereótipos de género. A marca de cervejas Heineken lançou há poucos meses a campanha «*Cheers to all*» em que alinha nesse desafio. A campanha apresenta um conjunto de situações em que um homem pede um cocktail e uma mulher uma Heineken, mas os pedidos são trocados porque a cerveja continua a ser associada ao universo masculino e os cocktails ao feminino.

Esta não foi, aliás, a primeira vez que uma marca se arrisca a desafiar os estereótipos de género. Em 2019 a *Gillette* gerou controvérsia com a campanha «*We Believe: The Best Men Can Be*», a qual resultou num *backlash* – nas redes sociais nomeadamente – e num apelo ao boicote dos produtos que possivelmente afetou as vendas.<sup>1</sup>

O «novo» homem está em crise porque não encontra modelos identitários hegemónicos para conceber a sua nova condição masculina. O conceito de masculinidade hegemónica está ainda vinculado aos modelos tradicionais e aos predicativos da personalidade do homem, isto é, machista, viril e heterossexual e tudo o mais já explanado.

Adrienne Rich (1981), uma feminista radical, afirmava que o temor maior dos homens em relação aos feminismos e as suas ações e análises é que as mulheres não se interessem mais por eles, ou que escapem

---

(1) Fernandes, 2020.

ao seu domínio. Temem a liberdade. Temem que a diferença sexual se torne a indiferença das mulheres em relação ao masculino.

Observa-se, por isso, a dificuldade em que se encontram alguns homens, socializados nesse anterior molde, em poder passar a estar sob a autoridade de uma mulher. Estão em estado de choque, não sabendo como lidar com essa nova identidade feminina. Tudo isso deixa o homem contemporâneo inseguro. É todo o sistema masculino que desaba.<sup>1</sup> Talvez, por isso, e em particular, o comportamento dos rapazes tem mostrado o quanto a sensação de falta de poder pessoal os faz sentirem-se frágeis e perdidos comparativamente às raparigas.<sup>2</sup>

A dura verdade é que os homens matam-se para serem «homens a sério». Uma verdade apoiada por um estudo levado a cabo, não há muito tempo, para a *Beyond Blue* e o *Black Dog Institute*, intitulado «*What Interrupts Suicide Attempts in Men: A Qualitative Study*», no qual todos os homens entrevistados falam sobre terem crescido numa cultura onde a mensagem implícita era de que não deviam falar sobre os seus sentimentos.

Percebe-se, assim, que a *National Suicide Prevention Lifeline*, linha de serviço de apoio à crise e prevenção do suicídio, ateste que as taxas de suicídio entre homens são aproximadamente três vezes mais altas que as das mulheres.

Em Portugal, segundo os últimos dados do INE, registaram-se 1061 mortes por suicídio, em 2017, das quais mais de 70 por cento foram homens. Uma das razões pelas quais os homens ultrapassam as mulheres nas estatísticas do suicídio é porque escolhem matar-se de formas mais brutais, violentas e mais garantidas de lhes trazer a morte que desejam.

---

(1) Carvalho, 2016.

(2) Isidoro, 2018.